

A ancestralidade poética de uma fiandeira de alma lusitana

Poemas portuguesas, de Raquel Naveira

Ana Aparecida Arguelho de Souza*

Do alto de uma carreira literária que conta com mais de 30 livros escritos, em prosa e verso, incontáveis vezes premiada, Raquel Naveira transita com serenidade pelo universo da palavra. Enfia pérolas no seu cordão de versos, com surpreendente versatilidade, assim como nos brinda com suas crônicas, que possuem a força de um sol rubro, de constelações e cacos de estrelas (cf. *Mar de rosas*, 2018).

Talvez por herança da heteronímia pessoana, seu eu poético multiplica-se e percorre com desenvoltura os caminhos da literatura contemporânea, tensionando o cotidiano e o universal, em crônicas poéticas tecidas com as finas rendas de um *leque aberto*, ou oferecendo ao leitor, nos poemas de *Menina dos olhos* (2018), uma profusão de imagens – flautas azuis, estrelas na varanda, maçãs açucaradas, girassóis bipolares e esquilos na floresta – obtidas por rupturas semânticas, acenos sinestésicos, plasticidade e musicalidade, em que a força do mundo invisível ofusca o mundo visível. Com a mesma destreza e igual domínio das palavras, já havia, no

* Professora adjunta do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

tom grave, solene e sacralizado da Idade Média, em *Senhora* (1999), tecido mantos e armaduras para a nobreza, vestida de castelã ou de fada, banhada em água aquecida a lenha, para nos conduzir a castelos, capelas, moinhos e feiras, *i.e.*, levando-nos, enfim, a uma percepção apurada da natureza da mulher em sua condição medieval.

Tenho me deparado, ao longo do tempo, com essa rica multiplicidade dos universos poéticos de Raquel Naveira, na urdidura dos fios com que tece a palavra, escolhendo sempre com cuidado a que melhor se ajusta à tessitura de seus versos. Uma *fiandeira*, como ela mesma se denomina. Em *Poemas portugueses* (2019), ela, mais uma vez, transpõe as margens da literatura para nos oferecer, “com engenho e arte”, por meio de mediações de alta densidade estética, uma viagem, desta feita, pelos caminhos da história e da cultura lusitanas.

De há muito, tenho feito a experiência de analisar o universo literário com um duplo olhar, o da própria literatura e o da história, porque esse olhar amplia e redimensiona a palavra. Conhecer a história enquanto movimento dos homens na sua caminhada civilizatória, desde as cavernas até o desvendamento de outros universos galácticos, é uma tarefa desafiadora e fascinante a um só tempo. Conhecê-la pelo viés da literatura, então, é uma experiência ímpar e sedutora. Naturalmente, há que se considerar que mediações estéticas ampliam o grau de distanciamento entre o literário e o mundo material, em um processo de recriação e transfiguração. Todavia, nenhuma literatura, por mais mediada esteticamente, deixa de se contaminar pelo mundo que a produziu, embora o rastreamento da sociedade na literatura se dê por pistas de larga amplitude, por índices, símbolos, e nunca por

vestígios ou provas circunstanciais, o que não desautoriza a compreensão da sociedade por vias literárias.

Olho para os *Poemas portugueses* com esse duplo olhar, como pede a obra. Trata-se de material recolhido de outros livros da autora e organizado numa só coletânea, como “reordenação da memória lusa, da memória do meu país e da minha própria” (Naveira: 2019, 6). Sendo neta de portugueses, Raquel carrega em si uma ancestralidade portuguesa muito forte, muito viva, que foi sendo cantada ao longo de suas obras. Desse modo, a ideia de reunir, em um só volume, os seus *poemas portugueses* permite uma visão mais precisa da riqueza estética dessa escritora, assim como da amplitude da história e da cultura de Portugal, uma das profundas raízes do Brasil.

A decisão de organizar a coletânea confirma uma das facetas do eu lírico dessa poeta instigante que, sem dúvida, traz entranhada em seu DNA a herança do talento de Camões e de tantos outros escritores que honraram as letras portuguesas. Em um contínuo exercício intertextual, o livro traz “sombras do passado, luzes para o presente e sonhos para o futuro” (p. 6). E me inspira a percorrer com ela seus poemas e, neles, os fascinantes caminhos da história.

Para navegar por essa dialética entre a história e a poética, é preciso que o poeta tenha uma larga experiência com a palavra e carregue o leitor com a leveza, o cuidado, a doçura e a grandeza que a tarefa requer. Raquel Naveira domina com facilidade esses caminhos. Maneja, como poucos, a arte da intertextualidade, com a maestria que só consegue quem tem um cabedal de leitura e domínio de obras e personagens de alto quilate. Na antologia em questão, ela dialoga não apenas com personagens de outros

tempos, mas também com os escritores que os criaram, conduzindo o leitor a um passeio inebriante, quer seja adentrando os labirintos da grande literatura lusitana – “Minha língua encosta/ Na língua portuguesa” (p. 31), ela nos diz –, forjada na língua de Camões, Pessoa, Bocage, Florbela Espanca e outros grandes; quer seja conduzindo-o pelos caminhos do moderno Portugal aos Mosteiros dos Jerônimos e Alcobaça, aos palácios da Penha e Queluz, ao Mondego e ao Tejo, aos azulejos e anjinhos, ou à Figueira da Foz, de onde partiram seus avós: “Por isso há dentro de nós/ Sementes de figo/ E gotas do Mondego” (p. 34).

Não há um critério de ordem estética ou cronológica na distribuição dos poemas. Eles obedecem à sequência dos textos nas obras que originaram a presente coletânea. Quanto à linguagem, Raquel retoma um procedimento comum aos seus escritos litero-históricos, usando uma linguagem simples, sem rebuscamentos, mas que se torna extremamente densa e sofisticada pela escolha criteriosa das palavras e pela forma como as articula nas estrofes e versos. Ora compõe os versos em linguagem quase prosificada, descritiva, como no caso do poema “Dom Pedro em Queluz”:

[...]

Este foi o quarto
Onde aconteceu o parto:
O dossel,
As colunas toscanas,
Das cortinas
Pode-se ver o pátio,
A estátua de Netuno

Com seu tridente
Erguido para o céu.

A mata que rodeia o palácio
Parece a mata do Brasil,
Há muito verde
E flores amarelas,
A praça dos touros
E uma cruz de malta.

(pp. 59-60)

Ora recorre a belas apóstrofes e anáforas, cantando, em
“Mosteiro de Alcobaça”, Inês de Castro:

Vem, noivo amado,
Segue-me ao mosteiro de Alcobaça

[...]

Vem, noivo amado,
Entremos nos claustros:
O do Silêncio,
Onde a solidão nos enlaça;
O da Leitura,
Onde os livros se abrem

[...]

Vem, noivo amado,
Pelo caminho em cruz,

Pela capela,
Pela sala dos reis;

[...]

Vem, noivo amado,
Cheguemos aos túmulos
De Pedro e Inês de Castro,
Os infelizes amantes
Que caíram em desgraça

[...]

Vem, me abraça.

(pp. 52-3)

Poemas portugueses é rico em intertextos com poetas e escritores como Camilo Castelo Branco, Camões, Garrett e Alexandre Herculano, em peças atravessadas de um lirismo doce e ingênuo (cf. “Maria da Fonte” e “Meninas dos rouxinóis”), ou dotadas de uma carga mais passional, a exemplo de “Maria do Adro”. O livro exalta, ainda, os feitos do infante Dom Henrique, fundador da escola de Sagres, e do navegador Pedro Álvares Cabral, homens que rasgaram os rumos das grandes conquistas marítimas, de novas terras, e elevaram Portugal à glória de ter sido, juntamente com a Espanha, o primeiro reino a fundar o Novo Mundo. Raquel Naveira também traz a lume um dos mais expressivos nomes da nobreza de Portugal, Dom Sebastião, em versos carregados de comovente lirismo. Pelos mares fortes da

sua poesia, conduz o leitor a atravessar os Cabos do Bojador, das Tormentas e da Boa Esperança. Nesses passeios, “os livros se abrem/ Como rolos de mel/ E a lua entra/ Pela vidraça” (p. 52).

Todavia, Raquel Naveira cria, em fortes antíteses poéticas, a contradição entre a busca civilizatória de Portugal e o preço que custou essa empreitada. Em versos carregados de comoção e ternura em poemas como “Navio negreiro” e “África”, Raquel recria o “continente esquecido”: “África,/ Tão melancólica no fundo:/ Gemente,/ Dolorosa, / O choro engolido/ Pela areia ardente,/ Pranto da prole desgraçada/ Que nutriu com seu sangue/ A América” (p. 66). Já em “Visão de Angola”, “Cabo Verde”, “Neguinho da Guiné” e “Moçambique”, este último dedicado ao escritor Mia Couto, aparecem as lutas pela libertação e pela busca de uma identidade própria, nas terras conquistadas pelos portugueses.

Raquel Naveira encerra a coletânea com um tributo à fadista Amália Rodrigues, não sem antes passar por uma ode à Língua Portuguesa: “Tuas regras são as cordas de minha harpa,/ Torna meu canto angélico,/ Feito de forma e beleza,/ Oferenda consagrada a ti,/ Ao Tejo,/ Às espumas do mar” (p. 87). Sobressai, ainda, o poema “Alma portuguesa”, em que a poeta traça uma magistral relação com uma das canções mais afirmativas da cultura de raiz lusitana: “Minha alma é portuguesa,/ Com certeza” (p. 88). Em suma, *Poemas portugueses* é uma obra para se ler e reler com vagar, fascínio e solene encantamento.

Referências

NAVEIRA, Raquel. *Poemas portugueses*. Campo Grande-MS: Life, 2019.

Submetida em 13 de junho de 2022.

Aceita em 15 de novembro de 2022.